

JORNAL: OGLOBO LOCAL: RIO DE JANEIRO

DATA: 21/7/1961 AUTOR: VERA PACHECO JORDAO

TÍTULO: IVAN SERPA NO MAM

ASSUNTO: _____

Coluna de ARTES PLÁSTICAS

* VERA PACHECO JORDAO *

Euridyce na "Macunaíma"^{duplicata}

HOJE é o último dia da mostra de desenhos de Euridyce na Galeria Macunaíma (Rua México, esquina de Araújo Porto Alegre) e aconselho aos leitores que não percam esta ocasião de passar, meia hora que seja, no mundo de Euridyce. Com a pena e o nanquim Euridyce abre-nos as portas de seu mundo interior, feito de lembranças: a cidadezinha provinciana, o homem que acende os lampiões de gás, o quarto da moça com seu papel de flores na parede e os muitos apetrechos no toucador, o banco à sombra da árvore solitária, a noiva vestida para o casamento, os noivos rodeados pelos pais, tendo à frente a almofada bordada de corações entrelaçados.

É um álbum de retratos que a artista compôs, não se fiando na fria objetiva da máquina fotográfica, mas confiando no poder seletivo da memória, que fixa ou elimina o passado segundo sua carga emocional. E o que a artista escolheu do passado — com sua estupenda memória visual documentando os mínimos detalhes — foram as horas boas, de felicidade serena, desenrolando-se cândidamente através dos anos, do namoro ao retrato das netas que, sem ruptura, incorpora ao passado o tempo presente.

Euridyce tentou aprender desenho, mas os mestres não lhe quiseram ensinar. Compreenderam que não se tratava de fazer obra em arte em si mesma, mas de traduzir uma vivência, profunda em sua singeleza. E que essa íntima comunicação só se poderia fazer na linguagem pessoal da artista, por ela própria elaborada como instrumento de expressão.

Naturalmente dotada para o desenho — como se pode ver por aqueles fluentes desenhos lineares que em sua natural pureza parecem uma síntese final quando, na verdade, são pontos de partida para a subsequente elaboração — a artista, se às vezes força sua linha, carrega na tinta, ou compromete a composição pela excessiva preocupação documentária, chega também à simples beleza, ao equilíbrio gráfico, à força sugestiva daquele amplo céu rajado em claro-escuro.

Sem preocupação de fazer obra de arte, em sua obra de amor Euridyce realiza o objetivo máximo do artista, fazendo-nos partilhar sua vida interior, introduzindo-nos em seu mundo, que se torna o nosso.

SCLIAR NA PG

Lastimo que uma gripe, vinda bem mal, a propósito, só agora me tenha permitido ver a exposição de Scliar na Petite Galerie (Praça General Osório, 53). Espero, entretanto, que não seja demasiado tarde para recomendar aos leitores a mostra que, reunindo cerca de sessenta trabalhos executados no decorrer destes últimos três anos, dá a medida dos progressos de um pintor de grande sensibilidade.

Essa própria sensibilidade punha o artista em risco de conservar-se no limiar da pintura, como que sem ânimo para enfrentá-la corpo a corpo. Foi o que sentimos na mostra apresentada, no ano passado, pela Galeria Tenreiro.

Agora encontramos Scliar bem mais seguro de si, jogando ritmicamente com seus volumes, integrando-os no espaço, conseguindo estruturá-los sem sacrificar a subtileza de seu jôgo cromático.

É verdade que o artista ainda se apresenta desigual, nem sempre conseguindo plena realização de seus propósitos, mas o nível atingido por algumas obras é um índice efetivo de seu desenvolvimento que, embora processando-se na linha de Cézanne para a paisagem, e de Morandi para a natureza-morta, traz o cunho de uma sensibilidade pessoal, manifestada especialmente nos belos retratos de mulher, que considero das melhores peças de toda a exposição.

PORTINARI E GASTON BERTRAND

Voltaremos a falar das mostras anteontem inauguradas, de Portinari, na Galeria Bonino, e Gaston Bertrand, na Barcinski. Por hoje registramos apenas o sucesso dessas inaugurações, o belo discurso do Embaixador da Bélgica apresentando a obra de seu ilustre conterrâneo, Portinari assediado pelos amigos que lhe foram levar seu abraço, ambas galerias pequenas para conter o público que hoje faz das inaugurações um acontecimento artístico-social.

A PENGUIN EM BELO HORIZONTE

Quem conhece a pequenina Galeria Penguin, no subsolo da livraria do mesmo nome, em Copacabana, tem a prova de que tamanho não é documento: a galeria vai de vento em pópa, graças ao dinamismo do casal Roberto Conso-laro, e hoje estende seu raio de ação, inaugurando sua filial em Belo Horizonte, com uma exposição de Inimá de Paula. Os melhores votos de felicidade para a cria do Penguin.

IVAN SERPA NO MAM

A 10 de agosto próximo o Museu de Arte Moderna do Rio apresentará uma exposição que está sendo aguardada com grande interesse: desenhos e pinturas de Ivan Serpa, em sua nova fase, cujas primeiras amostras já conquistaram no Salão de Arte Moderna o importante Prêmio ESOL.